

A NASCENTE DO JUÍZO

Notas do encontro do Padre Julián Carrón

com o Centro Nacional dos Universitários de Comunhão e Libertação

Milão, 11 de fevereiro de 2011

ASSEMBLEIA

Julián Carrón. Nós seguimos a Cristo por uma inimaginável intensidade. E verificar o que é Cristo é que dá esta intensidade à vida. Quem não gostaria de tremer, como acabámos de cantar? «Pe' canta 'sta chiaridade ncore me sente tremà». Pessoal, a alternativa da vida é que tudo seja chato, sem intensidade, ou que – com os mesmos ingredientes – tudo tenha este poder sobre o eu que faz com que a vida seja outra coisa. Por isso, a verificação do caminho que vimos fazendo não é se organizamos ou não mais reuniões, mas se a vida é sempre mais intensa! Caso contrário, ninguém se importa, no tempo, com tantas coisas que fazemos. E a conveniência desta intensidade não é decidida por nós; quando surge, impõe-se à nossa própria vida e à dos outros.

Começo por ler uma carta que me parece uma belíssima documentação daquilo que dissemos. Olhando uns para os outros percebe-se o que é isto que temos nas mãos: «Há uns dias escrevi-te falando daquele professor cínico [não é preciso uma predisposição particular: professor cínico] que eu tinha convidado para o encontro de apresentação de *O senso religioso* e que tinha aceitado. Fomos juntos e logo que nos sentámos disse-me, olhando em redor: “Impressiona-me o vosso silêncio e a vossa compostura”. Eu fiquei espantada não só porque não fizera caso [vejam, desde o primeiro instante a vida pode ser chata ou começar a falar: nós não nos damos conta; o outro já está impressionado, tanto que podia ter ido para casa, já tinha acontecido tudo], mas também porque aquilo era o nosso pior silêncio [podemos certamente fazê-lo melhor, mas também quando o fazemos mal não pode deixar de impresionar outro], dado que muitos falavam, mas ele estava impressionado [basta até uma centelha, nem mesmo a nossa incoerência é um obstáculo para silenciar o fato]. Então eu expliquei-lhe por que motivo aquela música não era para entreter os convidados, mas que o encontro se iniciara já com a audição dessa música. Com compostura e em voz baixa começou a fazer imensas perguntas sobre o que era a Escola de Comunidade, do que falávamos, onde, quando, etc., e tudo isso olhando à sua volta como uma criança. Depois disse: “Tudo bem, agora vamos escutar esta bela música”. Enquanto falavas, ele dizia muitas vezes: “Verdadíssima”. A seguir ao encontro disse: “Esta noite vocês fizeram-me entrar em crise, porque ouvi coisas que se aproximam demasiado das que trago no coração”. Depois deteve-se vendo os adultos e os jovens que riam e disse-me, emocionado: “Mas onde está tudo quanto dizem de vocês? Vocês são pessoas normais, aliás, são mais vivas”. Obviamente que se referia aos juízos negativos que tinha ouvido acerca do Movimento. “Impressiona-me a vossa unidade, eu desejo que Cristo seja tão concreto como é para vocês, mas de momento não sou capaz de o dizer”. E eu, de olhos arregalados, respondia; mas na realidade teria preferido ficar a olhar e a deixar-me prender por aquilo que o prendia a ele. Quem diria que graças à sua simplicidade [ele que é um professor cínico...] nesse dia eu ia estar mais atenta às coisas e espantada por tudo graças a ele! O que para ele era uma novidade também para mim se tornava novidade, porque ele me obrigava a olhar. No fim disse-me: “Vamos encontrar-nos com frequência porque vocês me puseram no coração interrogações que eu gostava de colocar a alguém”. Hoje encontrei-o na universidade, aliás foi ele que me veio procurar à biblioteca, e pediu-me para ir tomar um café com ele. Durante o trajeto eu ia falando da minha tese e ele estava interessado mas, a certa altura, não aguentou mais e disse: “E então este Deus o que diz?”. Não via a hora de voltar a falar no que tinha sucedido. Falou do motivo por que sempre odiara o cristianismo – demasiadas regras –, mas depois do encontro sobre o senso religioso compreendera que tinha uma ideia errada. A seguir falou-me da aridez que tem vivido durante estes dias no trabalho, e eu respondi que para mim o estudo se vai tornando uma

oportunidade para me conhecer melhor a mim mesma e a Cristo. Então responde-me: “Decidi que de agora em diante preciso de me encontrar com vocês e ficar calado a ouvi-los falar, porque eu nunca tenho nada de edificante para contar mas vocês, que são preferidos por Deus, têm sempre coisas úteis para me dizer. Preciso de me encontrar com vocês porque aqui são todos tristes, aqueles com quem trabalho e a minha família; e só vocês têm essa alegria que eu gostava de ter. Quando entro na igreja sinto-me como um peixe fora da água, sinto-me um estranho e rezo abstratamente. Porém, quando penso em vocês, parece-me mais concreto porque, para mim, são uma verdadeira presença. Gostava que esta graça que vocês têm existisse também para mim, mas Deus não quer dar, talvez embirre comigo”. Eu disse-lhe: “Já é uma graça sentir este desejo, porque muitos não o sentem. De qualquer maneira, o problema agora não deve ser dizer Cristo, mas ter em conta aquilo que atrai e transforma”. É mesmo verdade o que disseste ontem na Escola de Comunidade: “O Senhor concede-nos a Sua presença através dos rostos em que despertou o humano”. Por isso posso dizer que eu preciso mais do professor, da sua simplicidade, do que ele de mim. E não posso fazer mais do que pedir a Cristo: “Vem de novo, Senhor, e desperta a minha humanidade de maneira que eu Te possa de novo reconhecer”».

Percebem? Agora cada um pode fazer uma comparação entre o que sucedeu a 26 de janeiro e o que diz este novo companheiro de caminho, o último a chegar. Quem não sente o desejo de que o mesmo aconteça também em nós? E é o comprovativo de que “a contemporaneidade de Cristo” é capaz, quando alguém, ainda que cínico, chega e se deixa tocar por tudo, de pôr novamente em ebulição a humanidade. Eu não pude evitar deter-me em muitas passagens da carta: quem é a origem disto? Quando referimos a contemporaneidade de Cristo, o que é que dizemos? Dizemos palavras ao vento ou falamos disto? Isto seria impossível se Ele não estivesse presente. E o fato de Ele estar presente é a esperança também para nós, aconteça o que acontecer, seja qual for a nossa distração ou o nosso cinismo, porque o melhor não é tanto que avalia como nós estivemos no dia 26 – imaginem o que acrescentaria de novo –; a questão mais impressionante é o fato imponente de que Ele está no meio de nós. E isso leva a melhor sobre toda a nossa miséria e toda a nossa distração, sobre todo o nosso cinismo. Cristo ressuscitado existe, e este “existe” pode vir com esta força do último a encontrar-nos. E por isso podemos ter piedade de como somos (também do nosso comportamento na apresentação), porque já é abraçado por esta Presença: não estamos sós com o nosso cinismo, com a nossa distração. Mais uma vez Ele nos abraça: «Olhem que estou aqui».

Não posso deixar de partir de uma mudança essencial em mim, resultado de todo o trabalho de Escola de Comunidade do último ano e do desafio que nos lançaste nos Exercícios sobre o que quer dizer ser uma presença determinada por uma diferença que todos podem reconhecer, como acabaste de referir. Vou dar um exemplo. Não me deixa de todo indiferente o que se está a passar no mundo e no nosso país neste momento, e reconheço que já isso, por si só, está ligado ao encontro com Cristo, porque, quando volto para casa à noite, depois de um dia inteiro de trabalho na universidade, e me sento à mesa para jantar, lá está a minha família vendo televisão e eu, todas as vezes, sinto-me invadir pelo desânimo, como diz o artigo da Passos, por uma inquietude ao ver como é estreito o horizonte do mundo, como ninguém se dá conta (e vejo isto na minha família) de ser tão instrumentalizado pelo poder que este pode decidir qual deve ser a principal ocupação dos próprios pensamentos pessoais. Como disseste na tua lição: o Acontecimento cristão ressuscita ou potencia o senso religioso, ou seja, o sentimento da dependência original, as evidências originárias. Foi precisamente a partir deste acontecimento experimentado que não consegui evitar sentir uma inadequação nas hipóteses e nas respostas que se dão acerca da situação em que nos encontramos. O único ponto de alento foi o artigo da Passos. Quando o li não pude deixar de reconhecer uma novidade absoluta em relação a tudo o que ouvia dizer em meu redor; assim, disse imediatamente: «Mas eu não o posso guardar para mim, alguém espera algo de semelhante porque é demasiado verdadeiro». Noutros tempos eu teria provavelmente esperado por uma indicação vossa para utilizá-lo, mas desta vez imprimi logo umas cópias para o ler com colegas de curso, com professores. Verifiquei que ter a noção do que pode bastar ao meu coração hoje, em cada situação, em casa, nas aulas, no Senado Académico, na caritativa, ter a noção de que Cristo é,

concretamente, o sentido de cada fibra do meu ser e do mundo inteiro, origina um interesse total pela realidade que me rodeia (sobretudo pelas pessoas), de tal maneira que isso se traduz de imediato numa disposição inteiramente nova, graças à qual já não parto de uma intenção, mas de um maravilhamento. Uma colega de curso a quem o li, e que eu convidara para a tua apresentação, disse-me: «Sabe, eu sempre fui católica, sempre frequentei a igreja, e sempre participei em diversas experiências de catequese, mas nunca encontrei em lugar nenhum um discernimento tão evidente sobre a tangibilidade da fé, quer dizer, sobre o fato de que esta tem a ver com a vida de todos os dias. Muitas vezes até mesmo a oração, pela forma como é proposta em certos ambientes, parece uma coisa separada, muda relativamente ao resto da vida, mas eu sou feita de carne, tenho necessidade da satisfação agora, e a leitura que o Carrón fez da experiência de João e André é fascinante demais. E também, embora não lhe esconda que há quem me procure pôr de sobreaviso contra vocês [disseram-lhe de tudo], quando se tem no olhar uma luz diferente, isso reconhece-se. Por exempo, você regressou dos Exercícios, aqueles Exercícios de que me tinha falado [dos quais ela não sabia nada] e via-se que estava contente. Então eu fiquei curiosa e fui procurá-los e li-os [eu não lhe tinha dito nem o título nem o endereço do site]. Reparei que entre vocês tudo aponta para a liberdade; esse Carrón é impressionante, porque responde às perguntas não com uma receita, mas deixa ao outro a liberdade de se aperceber ou não». Enquanto ela falava eu fiquei novamente espantada e cativada, senti aquele sobressalto de que falavas, na 4ª feira à noite, sobre a tua experiência renovada diante do espanto de outro e tive de exclamar: «Aqui estás Tu!». Este é só um dos muitos exemplos que podia dar, mas era para dizer que se eu comparo tudo com aquele critério último de cada juízo que é autenticamente meu, tal como definiste o senso religioso, descubro sempre que quem pode responder à dimensão do meu desejo, em tudo, é unicamente Jesus, porque semelhante intensidade de vida apenas a experimentei a partir do encontro com o movimento e experimento-a melhor quanto mais eu o sigo. Quanto mais O sigo a Ele, mais cada detalhe da vida e do mundo adquire interesse e me diz respeito.

Obrigado, caríssima. Devíamos parar aqui e ir para casa, depois desta intervenção. Qual é a novidade do que ela disse? Agora passo a bola para esse lado. Vamos começar. Aqui acontecem coisas. Então, qual é a novidade? O que me queriam dizer não me interessa, digam-me qual é a novidade daquilo que a nossa amiga acabou de dizer sobre o episódio do dia 26 e de tudo o que dissemos a partir dos Exercícios em diante.

Força, duas frases, basta o embate do ser, o juízo é aquele. Qual é?

Vou contar o que me aconteceu a mim para te responder...

Tu responde à pergunta! Porque aquilo que tu já sabes, já sabes. Mas o contributo que outra pessoa nos dá faz-nos aprender mais um passo. Façamos um esforço para responder a esta pergunta, vão ver que voltaremos para casa diferentes.

No dia da apresentação de O senso religioso eu convidei um colega de curso.

Responde à pergunta que eu fiz sobre a intervenção que acabámos de ouvir.

Podes lembrar a pergunta?

Eu vou lembrar a pergunta, é muito simples: qual é a novidade do que ela disse? Que novidade percebeste? E já que estás aí, explica por que motivo o que ela disse é uma novidade que nem os adultos compreendem (aliás, muitas vezes são os que menos compreendem).

No dia da apresentação convidei este meu colega de curso...

Não brinques comigo, diz-me onde está a novidade do que ela acabou de dizer! Desculpa, é realmente por amor ao teu destino, se assim não fosse deixava-te continuar, percebes? Podes pensar nisto. Tu pensas um instante no que te impressionou naquilo que ela disse, e depois te digo por que é tão decisivo. Não é para te “chatear”, desculpa, estamos entre amigos, caso contrário tenho de me bloquear e assim não aprendemos.

Força.

A novidade, na minha opinião, é que ela, olhando para ti, para alguma coisa da realidade, agarrou-se a esse acontecimento excepcional e não o largou mais.

Obrigado, não é isso. Força. Nem sei se ela própria sabe... Vou dizer por que é que me detenho nisto. Porque estou arqui-farto de ouvir dizer a algumas pessoas: «Não percebi o encontro de dia 26 de janeiro, foi difícil»; e outros, ao mesmo tempo: «Não se disse nada sobre a situação política». Percebem? Duas afirmações simultâneas: a dificuldade da intervenção de dia 26 (estava demasiadamente “acima das nuvens”) e a ausência de concretude sobre a situação actual. Vejam que assim se reduz o Movimento: o que dissemos no Palasharp seria um belo comentário para devotos e beatos sobre João e André, ao passo que àqueles a quem realmente interessa “a vida” deveriam dizer qualquer coisa de concreto sobre a política (coisa que quem conduz o Movimento não faria). O que é que, pelo contrário, testemunhou a primeira intervenção de hoje? Porque, se têm razão aqueles que no seio do nosso povo pensam assim, então estamos na teorização do dualismo! Isto percebe-se? Digam se o que ela contou é dualista!

Que o ponto é ir até ao fundo do encontro feito, tudo o resto é consequência. Eu percebo isso na intervenção dela e também nesta última coisa que tu disseste.

Em que sentido? Não vale fazer afirmações genéricas; isso é verdade, mas agora tens de me demonstrar porquê.

Em primeiro lugar o que ela diz é a única coisa que realmente responde; quer dizer, o cristianismo pega-se por inveja. Nós acreditamos que passa por meio de um testemunho ou não? Ou temos de passar a vida a convencer as pessoas? O cristianismo pode-se expandir apenas pela preocupação de que eu vá até ao fundo do encontro que fiz? Posso fazê-lo sobre um exemplo meu eventualmente.

Não, tu tens de me dizer numa frase qual foi a novidade expressa na primeira intervenção! Escutem, vou dizê-la eu (senão continuamos a contar outras coisas e perdemos o ponto): ela deu um juízo. E assim demonstra de maneira luminosa que o caminho que ela fez – porque é verdade o que tu dizes, que tudo depende daquilo que aconteceu, mas temos de poder verificar isso – redespertou tão poderosamente o seu eu que pode ver a televisão e não ir atrás do que diz a televisão mas sim julgá-lo. Gravem isto na cabeça: só tendo redespertado todo o meu eu é que sou capaz de julgar! O que é o juízo? Comparar tudo o que acontece com as exigências elementares. Quanto mais clara é a evidência destas exigências elementares mais sou capaz de julgar; e não de julgar sobre questões teológicas, mas de julgar inclusivamente a situação política, quer dizer, aquilo que eu escuto dizer na televisão. Com efeito, desculpem, se eu trabalho sobre *O senso religioso* e depois, quando vejo televisão, vou atrás da mentalidade dominante, para que diabo serve o que dissemos no dia 26 de janeiro? E não só: para que diabo serve o que temos feito durante anos, que tipo de sujeito se revela neste percurso de seguimento de Dom Giussani que vimos fazendo? Nenhum! Alguns dizem que estão confusos. Por que é que estão confusos? Temos de colocar-nos, mais cedo ou mais tarde, esta pergunta: por que é que estamos confusos? Com efeito, como disse a 26 de janeiro, cada um pensa sair da confusão com o que lhe dá na veneta: de novo as setas apontando para cima, do mítico desenho de *Na origem da pretensão cristã*. E abre-se o festival das opiniões. Mas o que nos dissemos naquela noite é que não saímos dela disparando cada qual a sua, mas que o método que nos tira para fora da confusão é um acontecimento. Um acontecimento, o encontro. E o teste de que saímos da confusão é que somos capazes de julgar. O que é que pode atrair aquela jovem que nos encontra e que começa ficar curiosa – enquanto já a vão azucrinando falando-lhe mal do CL, pondo-a de pé atrás contra nós –? Ver, continuar a ver. O quê, as variadas interpretações? Não. Uma presença, uma presença diferente. Aquilo que a esclarece não são os seus pensamentos mas sim um acontecimento. Mas por que motivo a nossa amiga foi uma presença para outra? Porque finalmente deu um juízo autenticamente seu. Seu! Ou seja: aqui há um eu, aqui há um eu que não vai na onda. É possível renascer de novo? Sim. É possível originar um sujeito que tenha um juízo diferente sobre as coisas? Sim. Faz-se um caminho. Percebem por que é importante? Porque, de outra forma, como dizia o professor cínico, não se experimenta nunca a tangibilidade da fé; era abstrata até que a viu em vocês. E porquê? Por causa desta nova capacidade de juízo que nos permite ter um rosto diferente, que não é reativo como é para noventa e nove por cento das pessoas. De fato, para uma reacção não há necessidade de um acontecimento, basta o instinto. Para um juízo novo é necessário

uma coisa diferente. Caso contrário, façamos um partido político se é isso que nos dá a esperança. Mas digam-me se um juízo tão surpreendente se poderia sentir num partido político. O juízo político seria a concretude, o pretexto da mudança. Percebem a aberração? Que foi que mudou mais a realidade? «As forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem», isto foi o Dom Gius que nos ensinou. E estes que começam a mudar assim, mudarão também a visão da história e da política. Porém, se tu tivesses partido do juízo político, o professor cínico não mudava nem morto! Só se começa com um acontecimento; depois, com o tempo, mudará inclusivamente a sua percepção da política. Não é que permanecemos no abstrato; isto acabará por mudar também a sua percepção da política, assim como mudou a nossa. Tudo menos abstrato! Mas qual é o método usado por Deus para fazer estas coisas? Nós pensamos que nos conseguimos safar atingindo as consequências e não atingindo o coração do homem. E a verdadeira questão é: o que é que move o homem no seu íntimo? Pessoal, pensem em cada um de vocês: o que é que move o íntimo do vosso coração?

Gostava de dar um exemplo precisamente sobre o que dizias, porque na semana passada me encontrei numa situação do género: eu e um amigo meu participámos num seminário sobre cidadania organizado a nível diocesano. Chego lá, trinta, quarenta pessoas, ninguém se conhecia, havia um padre que disse: «Agora vamos falar de cidadania». Escreve a palavra “cidadania” no quadro e diz: «Força, agora uma chuva de ideias», na prática cada qual tentava apresentar a coisa mais...

Que mais podem fazer? Que mais lhes pode vir à cabeça? É assim. Voltamos ao senso religioso: setas para cima, e depois vemos o que sai dali.

Cada qual tentava apresentar a coisa mais inteligente sobre a cidadania: compromisso social, compromisso político, solidariedade, etc. De início encarámos isso com um sorriso, depois efetivamente a situação ia-se tornando um bocado incómoda; até porque, de quarenta, nos dividiram em três grupos. Nós ficámos num grupo de dez, puseram-nos dentro de uma sala e o padre foi-se embora dizendo: «Agora falem de cidadania». Vimo-nos obrigados a falar de cidadania com aquelas pessoas que não conhecíamos de lado nenhum. Eu não estava preparado. Cada um, após um primeiro momento de embaraço, apresentava a sua ideia, esperando que fosse a mais brilhante, o respeito pela lei do Estado, o acolhimento do estrangeiro, o problema dos desocupados, os bancos de jardim. Mas era mesmo evidente que o ponto de partida de tudo era como se Cristo, no fundo, não tivesse nascido há dois mil anos. Era até um esforço bom, honesto, mas em última análise era vão e, como dizias também na apresentação, realmente a confusão avançava. A certa altura as pessoas entreolhavam-se, o tal padre voltava de quando em quando e dizia que estávamos fazendo cidadania, mas não compreendíamos porquê. Até que surge ideia mais genial da noite, e diz: «Apresentem-se, começa tu», e chama-me. Há algum tempo que vinha amadurecendo este mal-estar por causa desta coisa que, por índole, não me correspondia de todo, e a um dado momento esse mal-estar transformou-se numa pergunta: que faço eu aqui? Não pude deixar de fazer memória do encontro que tive: eu estou aqui esta noite porque encontrei Cristo, não há nenhuma outra coisa que me traga aqui para falar de cidadania com mais dez desconhecidos. E o reconhecimento disto, naquele momento, encheu-me de comoção, realmente como quando João e André viam Jesus, e comecei a olhar com ternura para aquelas pessoas que pareciam inimigas, porque realmente tinham necessidade da mesma coisa. Tomei a palavra e disse: «Em meu entender, a confusão deriva do fato de não partirmos daquilo que temos à nossa frente; se nós estamos aqui doze pessoas esta noite e não nos conhecemos, a única coisa que nos liga, a única coisa evidente é que, bem ou mal, nós identificámos aquele olhar que Cristo tinha sobre André e João há dois mil anos; bem ou mal, nós o identificámos. E eu estou aqui esta noite por essa razão, e para mim a cidadania é pertencer à Igreja e pertencer a Cristo, é pertencer à cidade de Deus». Fiquei espantado porque eu, de cidadania, sei tão pouco como os outros, mas, como disseste acerca da política, o fato de reconhecer que Cristo é o Filho de Deus e que eu sou d’Ele deu-me um entendimento sobre aquele tema que para mim era evidente que não vinha de mim (não me tinha preparado, nunca falei disso). Tentei dar um contributo dizendo: «Portanto, agora o mais interessante é confrontar-se com as palavras que se disseram no início e dizer: “Que contributo dá

um cristão, que diferença traz um cristão em relação ao que dissemos?''». Quando disse o nome de Cristo as pessoas abriram os olhos, como se dissessem: «O que é que este aqui diz?», mas o ambiente despertou, realmente o despertar do humano de que tu falas, porque depois se apresentaram os outros e estes olhavam para todos nós (estava eu e um amigo) como se fôssemos professores de cidadania, mas nós não sabíamos nada de cidadania; todos tinham para cima de quarenta anos e só nós dois jovens; agradeceram todos, um por um, e disseram: «Nós estávamos na confusão mais total, vocês introduziram um ponto de partida real a este pseudo-trabalho que é preciso começar a fazer». Espantou-me imenso porque na segunda leitura de Domingo São Paulo diz: «Eu só sei que sou de Cristo», não é alguém com uma eloquência especial, uma especial habilidade. Aquilo que me sustenta perante todas as coisas, o juízo que irrompe perante um acontecimento político, perante o tema da cidadania, é que essa compreensão me é dada por Outro. E é realmente o despontar disto que me liga a esta história, somente isto. No sentido de que aquilo que realmente me prende é ver como Ele responde diante de qualquer circunstância.

Obrigado, porque – não sei se se dão conta – parece óbvio que alguém vença o abismo entre ler a Escola de Comunidade e usá-la enfrentando as coisas da vida. Pensem quantas vezes usaram o que dissemos no dia 26 de janeiro, como ele, para encarar a realidade do que vos sucedia. E vão perceber qual é a diferença entre o cristianismo como discurso ou como acontecimento. Assim se obtém a confirmação de como é pertinente o que escutámos na apresentação de *O senso religioso*. Em suma, o que dizemos entre nós quando estamos juntos é verdade ou não é verdade? São pensamentos de diletantes ou é a verdade sobre a vida e sobre aquilo que acontece? Porque, caso contrário, para quê estar aqui a perder tempo? Há um discurso bom para usar aqui e outro discurso bom para fora? Mas nós onde estamos? Que unidade tem a vida? Que capacidade tem um eu dividido em compartimentos estanque? Não sei se se dão conta mas, quando a unidade do eu se concretiza, é o início da novidade da vida, e todos se admiram porque se tu lhes falas de cidadania não acontece nada, se tu lhes falas de Cristo não se admiram, mas quando o usas a Ele como critério de juízo sobre o real, então é que saltam da cadeira! Aqueles ali sabiam muito mais catecismo do que ele – e ainda bem que não cometeu o erro de dizer algum disparate –, mas isso não o impediu, apesar da sua falta de noções, de fazer o juízo. E é esta a novidade: não é preciso ser doutor em teologia, é preciso que seja vencido este abismo que separa o sagrado do profano! Não separar a doutrina da vida é a nossa luta porque, senão, como poderão vocês ser persuadidos da razoabilidade da fé, da pertinência da fé às exigências da vida? Eis o que deve dominar sempre a vossa atenção: a pertinência da fé às exigências da vida (mesmo quando se fala de cidadania).

Tenho vivido a vida e o cristianismo e o encontro com Cristo, não como uma totalidade que devia ser todos os dias uma novidade, mas como algo de parcial, algo que já conheço e me faz viver confortavelmente, como se estivesse adormecido. E não me faz feliz. Como posso viver mais intensamente o cristianismo? Como posso viver mais intensamente o senso religioso?

Estando atento ao que vais ouvir esta noite, porque te respondemos melhor com as intervenções do que com as pormenorizações.

A pertinência do Fato que encontrámos é uma questão que ultimamente, pela forma como tu a apresentas, me urge totalmente porque me parece a única partida decisiva.

Ao menos que fique claro: esta é a nossa partida decisiva.

Que nos ajudemos a dizer: o fato que eu experimento, que é o motivo por que estou aqui, porque não estaria, o que tem a dizer acerca de tudo e como é que muda o meu comportamento, a minha posição, o meu juízo, as minhas perguntas, em relação a tudo? Como entro nas coisas partindo deste fato? Visto que o desafio que nos lanças é decisivo para mim, aquilo que pessoalmente e como comunidade temos procurado perguntar-nos é exatamente isso: em relação aos fatos que acontecem, que juízo damos, como tomamos parte? E o que eu noto, sobretudo a partir do trabalho sobre o tema da virgindade no É possível viver assim?, é que está a nascer um trabalho delicioso, porque é uma oportunidade gigantesca para nos começarmos a perguntar: a experiência do Movimento terá alguma coisa a dizer, por exemplo, neste momento de conflitos na universidade?

Que experiência faço eu da universidade? Por que me interessa? Haverá algo com valor? O quê? Onde o irei descobrir? Onde o irei obter? O que é que, pelo contrário, não tem valor? O que é que realmente nos interessa? Este desafio interessa-me, ou seja, o fato de tudo o que acontece, tudo mesmo, poder ser uma oportunidade privilegiada para dizer: verifica, verifica se também é válido aí.

E qual é o critério da verificação? Porque até agora o que disseste é ótimo, no sentido de que há fatos pelos quais nos deixamos provocar, que não nos deixam indiferentes, e isso não é óbvio. Agora qual é a verificação que temos de fazer? Trata-se de chegar aos finalmentes acerca disto. Como é que a experiência da fé vos deu compreensão a respeito dos vários episódios? Por exemplo, em relação à virgindade, não reduzindo tudo a moralismo, mas chegando ao juízo sobre aquilo que procuramos nos prazeres: estes bastam para responder a todo o nosso desejo? E assim por diante. Enquanto não virmos que a experiência de fé que nós vivemos nos dá uma compreensão mais alargada do real, nós não podemos chegar à convicção da pertinência da fé às exigências da vida. Porque não basta afirmá-lo, é necessário absorvê-lo no real, porque aquilo que te faz estar sempre mais convicto é chegares a um juízo teu. É preciso verificá-lo até aí, que a partida ainda não terminou, começou, agora... O que Giussani nos diz é que Cristo veio, não para nos resolver os problemas, mas para nos colocar na posição mais adequada para os enfrentar. A partida está em aberto, porque não é que, tendo encontrado Cristo, possuamos a fórmula mágica, ou nos seja poupado o trabalho de estudar, de ver como se entra nas várias questões do real. É preciso pôr-se a trabalhar. Mas entre as muitas possibilidades com que a razão se pode pôr a trabalhar – como dizíamos antes em relação à cidadania – nós, por causa dessa experiência que vivemos, adquirimos uma inteligência mais adequada, mais compreensiva, mais humana para viver a universidade. Ou não? Terão de ser vocês a encontrar um modo de convencer os outros que a vossa é mais inteligente, mais capaz de abraçar a vida toda na universidade, percebem? Mas isso ainda está por fazer, faço-me entender? E se nós, em tudo quanto vivemos na universidade, ou no estudo, ou nos relacionamentos, ou diante do que acontece aproveitamos isto, então não temos de esperar para crescer, porque tudo quanto acontece origina este sujeito sempre mais convicto da pertinência da fé às exigências da vida. E cada vez ficamos mais agradecidos e mais comovidos por Cristo. Mas isto tem de ser palpável no juízo.

Posso perguntar uma coisa? Compreendo bem o que nos disseste na Jornada de Início de Ano, que a alternativa é ou continuar a dizer coisas verdadeiras (o que está certíssimo, mas não têm influência, não têm nada a dizer, nada a acrescentar), ou o fato de sermos protagonistas: ou inúteis para a história ou protagonistas da história.

De acordo. Agora sugiro que dêis mais um passo. Protagonistas, sim, mas quando é que alguém é protagonista? Quer dizer, quando é uma presença? Não por se agitar mais que os outros, mas por uma diferença. Voltamos ao tema que já principiámos no verão: o que é que nos faz ser uma presença? Uma diferença, não uma maior agitação, porque em agitação – voltamos de novo às setas para cima – os outros ultrapassam-nos pela direita e pela esquerda, percebes? Os outros agitam-se muito mais, causam mais tumulto que nós; mas a questão não é a agitação, é a diferença. Dá para perceber?

Gostava de perguntar uma coisa sobre isto, se puder. Visto que esta questão do protagonismo me interessa muito, gostava de perceber também porque é que eu noto que esta verificação que tu nos sugeres corre o risco de se tornar uma verificação de algo que eventualmente eu tenha na minha cabeça. Posso dizer, para evitar esta sobreposição, que esta verificação se traduz numa identificação? Face a certas perguntas prementes, a minha tentativa é de identificação contigo e com quem vejo mais adiantado no caminho, a ponto de tentar perguntar-me: o que diria ele aqui? A que nível provocaria?

Exato, mas como eu não estou lá ... Tu podes identificar-te, mas é o que tu imaginas que eu faria. A questão é que tu cresças, como nos descreveu a amiga da primeira intervenção: ali estava ela e o juízo era seu. Caso contrário, ofuscamos o crescimento do eu que nos permite produzir o juízo («É meu, e sou eu que o arrisco»), remetendo-o à autoridade para que me resolva o problema. E vocês têm de decidir, amigos, se querem crescer ou se querem ser sempre crianças; porque irão

sempre encontrar alguém “crescido” que de bom grado os poupará. Por isso me surpreendeu a primeira intervenção, porque a um dado momento alguém diz: «Este juízo é meu». Está claro? Depois, evidentemente, nisto vocês não estão sozinhos: tu julgas, tu arriskas, depois falamos, verificamos. Então eu te direi o que teria feito, e não terás de imaginar, verás como eu reajo. E isso então, sim, é uma verdadeira comparação, porque senão a alternativa é de novo imaginar como o outro teria reagido. Reajo ou não às coisas que vocês dizem? Tu me dirás e verás como reajo, e depois compreenderás como eu reajo. E também aqui vais poder comparar a tua imaginação de como eu teria reagido com a minha verdadeira reação diante dos teus olhos. A questão é esta: acompanhar-nos uns aos outros até esse ponto para que nada seja abstrato. Tu naquele dia arriscaste pensando em como eu reagiria; depois que me dizes o que sucedeu, eu te digo como reajo. Esta é a diferença, porque o Mistério, tendo-se feito carne, os discípulos puderam ver como Ele teria reagido: «Olha, perantes estes samaritanos que Te querem lapidar, nós pedimos: “Faz descer o fogo do céu e mata-os a todos”», e Jesus diz: «Mas vocês estão loucos?». Estavam diante de alguém que perante as suas reações estava lá, não o tinham de imaginar, percebem? Nós não temos de imaginar nada, temos de ser nós a reagir, de ser nós a disputar a partida – porque a disputamos realmente; quer queiramos quer não, nós a disputamos, porque é impossível não sermos nós a reagir às provocações da vida – e depois verificá-la com a autoridade. E depois à minha frente – atenção! – não dizes que a minha reação é verdadeira por eu ser o chefe; Giussani, como disse ontem na Escola de Comunidade, deu-nos o critério para julgar até mesmo o que ele dizia, e tu tens o critério para ver se o que eu digo é verdade ou não é verdade, e podes-me corrigir, por tua vez, porque eu não sou um “santarrão” a quem se lhe poupa o mesmo trabalho. Alguma vez eu disse: «Como eu sou o responsável, aquilo que digo é palavra de Deus»? Nada disso! Eu digo-te e depois vemos se isso corresponde ou não corresponde. Sou eu que me submeto tal como tu à verificação, porque, por minha vez, me interessa, e tu dizes: «Isso não corresponde», e tu dás-me um contributo. Querem disputar a partida a este nível ou não? Entre nós, muitas vezes, não há partida porque não há alteridade. Imaginamos, mas não há uma presença diante da qual eu jogue a partida, e é o início do cepticismo (que por vezes vemos inclusivamente nos adultos de algumas das nossas comunidades).

Se eu me desviar o problema, diz-me. Também eu ontem me envolvi numa discussão sobre a situação política, e reparei que neste momento histórico o campo de jogo é: moralismo sim ou moralismo não. Comecei a desafiar os interlocutores: qual é a finalidade, a utilidade da política? Um político é julgado principalmente pela sua moralidade pessoal ou por aquilo que faz pelo país? O que mais me impressionou é que se desencadeou uma sequência de perguntas e, submetendo a razão à experiência que eu vivo, dei comigo interrogando-me: o que é que me faz renascer? Dou um segundo exemplo. Há algum tempo atrás, um instrutor de um exame do primeiro ano (eu estava um bocado em pânico porque os caloiros, à medida que passam os anos, são sempre mais imaturos e incapazes de estudar, e não passam nos exames, não percebem) chega junto de um de nós e diz: «Olha lá, vocês como é que fazem? Porque sei que organizam grupos de estudo e os que estudam convosco passam nos exames» (objetivamente é assim, de maneira que um professor reconheceu num exame todos os que eram do Movimento porque todos tiveram voto “muito bom”). Impressionou-me que um instrutor de 30 anos tenha ido perguntar a um estudante «vocês como é que fazem?». É que é impressionante que do estar na universidade, do estudar a lição, do fazer contas à vida que se tem pela frente, nos tornamos capazes de saber indicar um método mesmo a um instrutor universitário.

Isso é a verificação, que é objetiva, reconhecida por outra pessoa, não auto-elogiada por nós. É tão objetiva que todos a podem reconhecer, mesmo os de fora que, com todos os seus conhecimentos, não sabem por onde começar: um especialista na matéria está desanimado e vem perguntar-lhes a vocês que são novos. Percebem a novidade? E esta pergunta nasce de uma diferença reconhecida, não é preciso não sei que genialidade, é preciso simplesmente que exista uma diferença tocável, palpável, que outra pessoa pode ver, faça-me entender? Então, não é que não existam os fatos e só existam interpretações (tipo Nietzsche): há fatos que suscitam perguntas,

mesmo a um especialista! E se alguém vê isto, há-de convencer-se da pertinência da fé às exigências da vida. Veem? Assim, um atrás de outro.

Outro exemplo, ainda sobre isto. Um professor foi almoçar com dois de nós depois de ter saído o manifesto de dezembro («As forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem»). Com ele nasceu um bom relacionamento. A certa altura disse: «Ainda assim eu tenho interesse em estar convosco porque vejo que na universidade há monotonia, mas em vocês [ele continuava a usar este “vocês”] há um interesse e uma lealdade para com o dado científico que os outros não têm». Impressionou-me porque o encontro que fizemos chega a incidir inclusivamente na lealdade ao dado científico. Na verdade, como é que funciona geralmente nas disciplinas de laboratório? Que se mascaram os dados para produzir resultados exatos, e assim passa-se no exame. Eu recordo o laboratório com ele; houve um momento em que as coisas não resultavam e eu também tinha mascarado um bocadinho os dados, mas depois, a certa altura, eu não aguentava mais, para mim era gritante e fui dizer-lhe: «Não bate certo por esta e por esta razão, ajudemo-nos a perceber porquê». E dali nasceu um trabalho entusiasmante que nos ajudou a compreender o que se passava a esse respeito. E ele a partir disto ficou impressionado porque já não há esta lealdade com o dado, já não se faz ciência verdadeira.

Por que motivo já não há esta lealdade com o dado? Porque dependemos do resultado; e se as coisas não batem certas, desabamos. Mas nós podemos ser leais com o dado mesmo quando não corre bem, porque encontrámos Aquele que é tudo, porque estamos apoiados num pleno. Não temos necessidade de mascarar o real para estar ordenado; os outros desabam depois de anos de investigação. Pareceria normal ser-se leal com o dado, a coisa mais óbvia; mas quando sucede é excepcional. Assim, um professor fica com vontade de trabalhar com vocês precisamente do ponto de vista científico, não por serem muito bons e irem à missa ao domingo.

Última coisa, também para responder a esta pergunta, se era uma pergunta. O que é que me impressiona? Que aquilo que dá origem a um sujeito tão irreduzível às conjunturas históricas, ao êxito, àquilo que alguém diz ou deixa de dizer de ti, é que eu sou, com todas as limitações, com todas as minhas imagens e constantes reduções, abraçado pelo acontecimento de Cristo que continua a agarrar-me; eu sou este valor irreduzível e é isso que me convence da pertinência da fé às exigências da vida: que eu sou relação com Ele, que o meu pedido é sinal disso, e que isso permite uma posse das coisas, uma afeição pelos outros, por aqueles que amo e pelos desconhecidos, que antes era inimaginável.

E dizem que é abstrato...

Vou só dar um pequeno contributo ao que já foi dito com um exemplo que me marcou muito esta semana, para dizer que a experiência não mente sobre tudo quanto dissemos até agora. Um grupo de nós reuniu-se para elaborar uma revista de imprensa sobre os acontecimentos no Egipto; uma jovem fez uma intervenção no outro dia: «Eu estava lá, procurei artigos, tentei reunir todos os fatores possíveis para julgar o que está a suceder, mas mesmo sabendo um monte de coisas não consegui». Digo: aquele juízo de que falavas antes não é um problema de competências, não é um problema de quantas coisas conseguimos saber, acumular, mesmo porque até podes saber tudo, mas se não prevalece aquele ponto de origem, o juízo é o mesmo de todos. Aliás, uma vez que – como disseste antes – há quem saiba muito mais do que, há quem faça muito mais do que nós, acabamos por ser vencidos.

Por que é que podes saber tudo e estar desorientado?

Porque falta o ponto unitário de juízo.

Bravo. Isso é decisivo. Porque eu posso ler todos os jornais e revistas e livros, mas se não tenho o critério de juízo não posso julgar nada do que leio. E fico desorientado. A questão é que eu posso julgar tudo tanto mais quanto mais desperta em mim o critério de juízo. Isto não quer dizer que depois eu não tenha de estudar; mas eu com isto posso julgar tudo quanto leio.

Realmente, a coisa que mais me impressiona é que uma pessoa deixa de ter medo da realidade. Impressionou-me (digo negativamente...) uma amiga minha que me dizia no outro dia: «Olha, queria dizer-te uma coisa. Acho que talvez, de certa forma, eu tenha uma preferência pelo rapaz

tal», e eu disse-lhe: «Desculpa, mas que “fracos” nos tornámos? Estás apaixonada ou não?». «Bem, talvez...». «Sim ou não?». Não se dá o nome certo às coisas. E a resposta que ela me deu levou-me a compreender qual é o ponto: «Bem, existe uma alta probabilidade de risco...». E eu: «De risco do quê?». «Que não corra como eu quero». Veio-me à cabeça quanto estamos ligados ao êxito e, sobretudo, que perdemos o melhor porque esta amiga se foi embora dizendo: «Não, fique tranquilo, eu já me tenho perguntado Quem e porquê mo deu». «Mas que dizes?!», perguntei. E depois lancei o desafio: «Olha que é humano, tu tens de partir da constatação que sentes um nó no estômago por esse rapaz. O ponto é que então, quando te apercebes que tens uma coisa assim, de que não te consegues livrar, podes perguntar: “Quem é que me dá isto?”», porque de contrário perdemos realmente o melhor de tudo. De fato, também aquele cêntuplo de que falámos com a virgindade, para mim, agora, é eu poder ser eu próprio. Mas se eu não o comprovo na experiência, continua a ser uma coisa totalmente postiça, e no fim a experiência diz que não te basta, porque a outra que sabia tudo sobre o Egipto dizia: «Falta qualquer coisa, não sou capaz de julgar uma coisa deste género». E, por último, gostava de te dizer o efeito que teve em mim a noite de 26 de janeiro. Eu sempre fui uma pessoa que, no fundo, no fundo, dizia: «Mas era melhor ter nascido no tempo de Jesus», ou dizia: «No fundo, aborreço-me não ter conhecido alguém como Giussani». Porém, nessa noite voltei-me para um amigo do apartamento e disse-lhe, porque aquilo me azucrinava a cabeça: «Eu esta noite vi Giussani», porque ali, para mim, se desfizeram todas as objeções. Como se dois mil anos se tivessem evaporado em duas horas no Palasharp.

Eu gostava de perceber melhor o que disseste antes: o juízo finalmente meu. Este fim de semana fizemos o convívio dos caloiros; no fim de um encontro falou-se de muitas coisas e, a seguir, o jantar foi realmente bom porque houve uma discussão precisamente sobre isto do juízo. Alguém disse: «Seja como for, nós não nos podemos deixar aprisionar na lógica do poder; o nosso juízo é outro». E então dois ou três caloiros muito animados contestaram isto, até com agressividade, dizendo: “Mas o que tu dizes é abstrato, falar de Cristo assim é abstrato porque ou Cristo encarnou – e então abrange tudo até ao pormenor, portanto até dizer ‘aquele político sim, aquele outro não’, ou então é abstrato”. Gerou-se uma discussão que me interpelou muito, porque eu quero perceber bem o que quer dizer esta questão do juízo. Às vezes parece que o nosso juízo é alvo de chantagem pela questão em causa. Por outro lado, fiquei muito marcado pelo «Quem salva a política?» da Passos, que me parece um juízo sobre esta questão.

Certo.

Mas em qual questão? No sentido de que, em relação à forma como a questão é entendida pelo mundo – quer dizer, alinhar a favor ou contra em relação a cada questão –, aí não há uma resposta explícita. Por que motivo não há? Por oportunidade eclesial, digamos assim? Ainda nesta discussão que tivemos, ficou patente que todas as vezes que o Movimento dá um juízo político oferece critérios, mas nunca há uma indicação: «Portanto, vota-se naquele partido ou naquele candidato». Esse “portanto” não existe nunca. «Consequentemente, não é um juízo sobre a questão, é abstrato», disseram os caloiros. Mas que a questão implique este descer ao pormenor parece-me uma chantagem mundana. O meu juízo não é abstrato só porque em cada questão específica não chega a tomar partido. Parece-me que o que Dom Giussani sempre disse sobre a luxúria, a usura e o poder – só para dar um exemplo entre os muitos possíveis – é muito mais concreto e mais inteligente, na realidade, do que saber o pormenor específico. Assim, eu queria pedir se podes explicar melhor esta contraposição entre um juízo abstrato, que é o religioso, e um juízo sobre uma questão que chega ao ponto de te dizer que adiras à manifestação política específica da tua cidade. A mim, contudo, parece-me que a contraposição é entre um juízo ideológico (ou seja, de gente perenemente escrava da disputa política) e um juízo original (ou seja, que possui outro critério que até pode não ser imediatamente pormenorizado).

Exato. Quando Dom Giussani fala de usura, luxúria e poder, a ti parece-te um juízo ou não?

Na minha opinião sim, esse é o juízo verdadeiro.

Exato, esse é o juízo! E isso dá-te o critério para te orientares face ao caso específico que tens de abordar?

Claro que dá. Mas posso acrescentar um elemento?

Conversemos sobre isto.

Uma objeção que se seguiu naquele jantar foi: “Tudo bem, mas é como se cada um tivesse o critério e portanto, depois, no fim, faz como entende”. De um certo ponto de vista, apetece-me dizer: sim, a Igreja dá um critério e depois cada um “faz como entende”. Não me estou a explicar bem, mas queria perceber se quando tu dizes “juízo meu”, queres dizer isto, ou seja, que ninguém te diz onde se põe a vírgula, mas alguém te dá um critério e depois existe efetivamente um ponto em que tu estás sozinho diante do Mistério.

Quando eu digo “juízo autenticamente meu”, digo – partindo do exemplo da primeira intervenção – que, perante os que reduzem aquilo que fizemos em 26 de janeiro a um discurso interno, nosso, que não contém um juízo sobre a situação, eu replico: o que é que nos permite julgar cada situação? Uma experiência humana que suscita tão fortemente o nosso desejo, ou seja, o nosso critério de juízo. E desse ponto de vista o artigo da *Passos* responde melhor à totalidade das exigências do coração que qualquer manifesto político! É isto que faz a diferença. Nós muitas vezes julgamos segundo um critério de juízo já reduzido, e então nasce o problema das tomadas de posição. Vamos dar um exemplo que marcou muitos: o juízo sobre a questão da pedofilia elucidada a questão, até no concreto, ou não? Não censurámos nada, tomando a sério toda a exigência de justiça, com todas as implicações que tem, e chegámos ao juízo: só Cristo salva verdadeiramente a exigência de justiça. Quando digo isto, isto é um juízo. Um “juízo meu” é um juízo no qual eu tenho de estar com todo o meu ser, sem reduzir nada, tomando a sério toda a minha exigência. Porque me parece muitas vezes que existe quase a tentação de nos envergonharmos de ser cristãos, sem saber o que tem a ver a exigência de justiça com a fé. Pelo contrário, só a fé, como testemunhou o Papa, nos permite ser leais com o dado, indo até ao fim e chegando a um juízo («isto está errado»), oferecendo ao mesmo tempo uma verdadeira solução. Quando digo um “juízo meu” digo um juízo que não é algo que se pespega no real, mas que sobressai do confronto entre toda a minha exigência e a situação que tenho pela frente. Não nos deixemos levar por soluções que são, no fundo, redutoras! Dizer – como dissemos no editorial da *Passos* – que, quando nos encontramos perante o mal, o problema é o que é que responde a isto: isto é dar um juízo, e é a modalidade com que inclusivamente é libertado da mesma redução este ou aquele político. É por isso que naquele artigo dissemos: nós queremos também julgar a política a partir do bem comum e da *libertas Ecclesiae*. Partindo do cerne destes dois critérios podemos chegar a exprimir-nos até mesmo sobre a questão específica. O critério de juízo último é aquele que a Igreja nos dá; ao passo que, se alguém se fica apenas por um aspeto moralista, acaba encurralado e o juízo torna-se esbatido. O juízo é meu se a fé suscita constantemente em mim o meu senso religioso. Depois, existem os juízos históricos, que são precisamente históricos e portanto são válidos para uma época e não são válidos para outra; temos de ter presentes todos os fatores que podem ajudar; por vezes até nos podemos chegar a pronunciar em detalhe com uma tentativa irónica. Depois têm de ser os outros e nós próprios a ver se este juízo é capaz de ter presente todos os fatores, e isso pode-se discutir. Por isso, quando a Igreja se detém a pronunciar aqueles dois critérios, fá-lo por reticência? Não, procede a uma educação! Dou dois exemplos. Dois irmãos discutem por causa de uma herança e vão pedir a Jesus que julgue; Ele recusa. Quer dizer que Ele não quer examinar o problema? A questão é que Ele não veio para resolver os problemas dos homens: «Se vós não vos libertais do vosso apego à posse dos bens, não podereis ter a atitude certa para julgar». Ele até aí chega, depois os dois vão ter de se entender. Isto é fazer uma abstração ou é colocar aqueles dois na posição mais justa para chegar a uma solução que tenha presente todos os fatores? Faço-me entender? Isto é dar um juízo ou não? Cristo chega até ali. Quando a Igreja dá os critérios para entrar na política – o bem comum e a *libertas Ecclesiae* – diz algo que é decisivo para que se forme um juízo, sim ou não? Às vezes dizem: «Isso é abstrato». Se tu queres ensinar matemática ao teu filho, para não ser abstrato tens de lhe dar até a solução do problema? Ensinas-lhe matemática dando-lhe o resultado da equação ou educando-o a chegar à solução? Se lhe dás a solução, não deixas que ele arrisque e que depois faça um confronto! Se nós constantemente, perante as coisas, não nos educamos nisto, não crescemos num juízo nosso. E vai sempre aparecer alguém que pergunta: «Em quem devo votar?». Eu

pergunto-me: é isso a geração de um sujeito novo? Então, temos de decidir: nós, seguindo a Igreja, queremos dar os critérios de juízo não para ficarmos no abstrato, mas para nos educarmos até ao juízo concreto. O que responderiam se o vosso filho vos dissesse: «Dá-me a solução porque, senão, não me educas»? Alguém que te fala assim, tu estás a educá-lo ou está a fazer pouco de ti? Quero ser muito explícito com todos: nós somos um movimento eclesial, se alguém se sente impelido a tomar partido publicamente, dedique-se livremente à política. Nós, repito, somos um movimento eclesial, e a obrigação do nosso carisma é educar as pessoas a emitir um juízo fornecendo os instrumentos que a Igreja nos oferece. O que é que sempre – sempre! – nos ensinou Giussani? Que Cristo não veio para nos resolver os problemas, mas para nos colocar na posição adequada para os resolver. Colocar-nos na posição adequada para resolver os problemas é qualquer coisa de abstrato ou é a possibilidade de respeitar integralmente a inteligência e a liberdade de cada um, para poder favorecer o aparecimento de um sujeito capaz de julgar? Esta é a alternativa em que nos encontramos, pessoal. Então, quando nós tomamos a sério tudo quanto nos é dito no caminho da Escola de Comunidade, descobrimos que somos capazes de julgar. O oposto de ir à manifestação ou ao congresso ou à televisão... Isto deixa em aberto todo o espaço de simpatia pelos vários gestos políticos, mas não é o nosso problema. O nosso problema é educar-nos constantemente num critério para sermos nós próprios. Basta, amigos, que revisitemos a história de Comunhão e Libertação. Em 68, todos pensavam que a nossa posição era abstrata relativamente à concretude da revolução. Agora podemos dizer: a nossa posição é a única que dura para sempre, todos os outros se sentaram nas cadeiras do poder. «Apenas restam vocês», disseram-me alguns destes ex-revolucionários referindo-se ao Movimento. Quem conservou este estímulo, este desejo de mudar, quem? Eu digo: parece abstrato, mas é a coisa mais concreta e a única que faz permanecer. A concretude é tomar este ou aquele partido? Quem nos encontra será conquistado pelo partido que tomamos? Digam-me, será que estes professores que citaram antes se teriam desviado um milímetro da sua posição por causa de um juízo político? Por que é que a nossa presença é original? Pela novidade que traz. Claro que é uma novidade que pode ir até um juízo pontualíssimo; mas como é que nos alcança? Despertando o humano, suscitando uma atração. Isto é concreto ou não? Temos de fazer face a esta pergunta, porque aquilo a que nós chamamos concreto muitas vezes é de uma abstração terrificante! Aqui está em jogo a concepção que temos do homem, e é por isso que continuo a repetir constantemente a frequente pergunta que o Papa toma emprestada de Santo Agostinho: «O que é que move o homem no seu íntimo?». E para não ser abstrato, pessoal, antes de ontem, na Escola de Comunidade, reli a carta de um – vocês ouviram-na – que estava todo preocupado por alguém que tinha convidado e, como via que ele próprio não percebia, estava convencido que também o outro não percebia. E depois li a carta de outro: «Eu perdi todas as minhas preocupações com aquele que eu tinha convidado, e fiquei voltado para a frente deixando-me prender pelo que ia sucedendo». Quem responde melhor ao problema do outro? Quem ajuda mais o outro? A minha preocupação por ele ou viver eu, na primeira pessoa, diante dele? Para perceber qual é o abstrato e qual é o concreto, cada um de nós tem de voltar à sua própria experiência, porque esse é o critério fundamental de juízo que Giussani nos dá logo desde o primeiro instante do primeiro capítulo de *O senso religioso*. O ponto de partida é a experiência, e tu apenas poderás captar plenamente a experiência de outro se partires da tua. Eu pergunto: o que foi que te mudou a ti? O que é que teve tanta influência em ti que te mudou, tão concreto que penetrou até à medula no teu eu? Se nós não fizermos esta marcação cerrada, se o ponto de partida não for a nossa experiência mas sim a nossa preocupação pelos outros ou por nós, somos nós que nos tornamos abstratos, porque não submetemos a razão à experiência. Consigo fazer-me entender? E desta forma continuamos a comportar-nos como diletantes do palavreado, enquanto bastaria um minuto de submissão da razão à experiência – o que foi que te moveu? – para que ficasse claro o que é concreto e o que é abstrato. Se cada qual revir a sua história, sabe muito bem o que foi tão concreto que lhe mudou a vida, a ponto de o fazer estar sentado aqui hoje. Segundo o critério mundano – que tantas vezes se insinua em nós e nas nossas comunidades – catalogá-lo-íamos como “abstrato”! E foi esse “abstrato” que nos trouxe aqui! De política já tinham ouvido tudo e mais alguma coisa durante anos, mas nada tinha sido tão pertinente, tão concreto, tão correspondente ao vosso coração que movesse o vosso eu. Então, o que Giussani

diz acerca do encontro são fantasias, são reflexões espirituais, ou é a coisa mais concreta que existe? E então o critério de juízo é esse! Caso contrário não fiquemos aqui a perder tempo sobre o Acontecimento, digamos: “Governo sim, governo não; oposição sim, oposição não”, e vamos embora para casa... Mas depois não estariam fugindo à minha pergunta: que falta é que isso faz para viver, a vocês, aos colegas, na universidade? É disto que vivem? Há sempre uma ponta de verdade em todas as coisas, mas isso não basta para atrair a totalidade do eu. Portanto, se nós não percebermos quem é o Único capaz de atrair todo o meu eu e prender-me, nós andamos como folhas ao vento, e somos parte do problema e não da solução, porque depositamos a nossa esperança em algo que, por si só, amanhã será decepcionante. Em vez disso sabemos onde está a nossa esperança, eu sei onde está a minha esperança, sei muitíssimo bem onde está a minha esperança, e por isso não me deixo confundir por nenhuma outra questão! Depois até posso chegar a dizer com mais ou menos clareza que o que é mais conveniente ou menos conveniente agora, mas eu sei o que são o bem comum e a *libertas Ecclesiae*, e o nosso contributo é construir essa parcela do cristianismo que é o Movimento. Pelos testemunhos que temos visto na nossa vida (incluindo os de hoje), há uma coisa sobre a qual nunca vou recuar: que a coisa mais correspondente é aquilo que Giussani pensou, aquilo que o Espírito Santo pensou. Cristo não se ocupou de Pilatos ou Herodes, simplesmente começou por mostrar a Sua presença que revolveu tudo. Isto é concreto ou não é concreto? Compreendem agora por que motivo me demorei na primeira intervenção? Porque esse é o problema: o que dizemos entre nós não é o juízo espiritual ao qual, a seguir, acrescentamos o juízo político. O que dizemos entre nós é o juízo para viver tudo!

Só mais uma coisa, porque na Escola de Comunidade do ano passado, a certa altura, numa assembleia, há uma que pede a Dom Giussani que entre nos detalhes mais insignificantes, no juízo sobre os pormenores, e ele responde com uma frase: “Como são abstratos os que querem ser demasiado concretos”.

Mas percebem por que diz: “Como são abstratos”? Porque quem fala assim, no fundo, não responde às verdadeiras questões. Não responde porque, no fim, nós vamos atrás daquilo que, segundo o poder, é a questão decisiva. Mas na vida quotidiana, na do professor, na tua, na minha, as questões decisivas são aquelas que enchem as páginas dos jornais? Esse é o teu problema? Esse é o meu problema? Não, João e André saíram da confusão encontrando Jesus, tanto que desejaram ir ter com Ele no dia seguinte. Era tão concreto que desejaram ir ter com ele no dia seguinte.

SÍNTESE

Julián Carrón. O ponto de partida é a experiência. É por isso que nós aprendemos mais vendo o que acontece (em nós e nos outros) e a forma como acontece, do que seguindo os nossos pensamentos. E se nós olharmos para o que ouvimos nos testemunhos de hoje, vemos o que é mais concreto, o que é realmente capaz de mobilizar a totalidade do eu, a tal ponto que um professor cínico se pode pôr em movimento perante o acontecimento de algo que suscita o próprio eu com todas as perguntas; a ponto de desejar encontrar-se com pessoas às quais dirigir essas perguntas. É aí, nessa experiência, que vemos vencer o abismo entre – para usar as palavras de quem interveio – «Deus ou Cristo em abstrato e a sua concretude histórica». Este professor foi tocado porque aquele abismo, aquela distância entre Deus e o real fora ultrapassada precisamente porque, por meio da encarnação, o Mistério se tornou parte da história e continua a estar presente na história através de rostos. E é isso que os faz perceber (e nos faz perceber também a nós) a pertinência da fé às exigências da vida. É tão concreto que a única coisa que este professor deseja é estar com eles e ficar calado ouvindo-os falar. Então, todo o drama para nós, como para este novo companheiro de caminho, é que seja vencido este abismo entre as palavras que ouvimos e a vida. Aquilo que escutámos em 26 de janeiro no Palasharp é a vida. E a novidade é quando vemos pessoas que usam o que escutaram para enfrentar a vida e veem que isso ilumina a vida. E como sucede que eu possa entrar na vida e vencer este abismo? Quando o juízo que dou se torna meu. O que é um juízo meu? Um juízo meu é um juízo não colado ao real, mas o confronto entre o real e a minha experiência não reduzida.

Mas como posso eu, que sempre decaio, ser constantemente despertado, salvo desta redução de maneira que o meu critério esteja realmente focalizado para julgar? Só se eu participar num acontecimento em que vejo despertar todo o meu desejo. Por isso é necessária a contemporaneidade de Cristo para despertar toda a minha exigência original, todo o meu senso religioso, todo o meu desejo de verdade e de justiça (chamem-lhe o que quiserem). Porque quando ele desperta, nós chegamos a casa e somos capazes de julgar qualquer coisa que a televisão diga, ou vamos à universidade podemos julgar. Porquê? Porque estudámos a noite inteira ou o dia todo? Não, porque o critério de juízo está – digamos assim – mais “em forma”: quanto mais sinto a minha desproporção estrutural, mais capaz eu sou de julgar qualquer coisa. Vejam que, sem este despertar constante do meu eu, no fim nós vemos a realidade como todos, sucumbimos à redução habitual do poder. Mas só se eu participei no acontecimento que abre de par em par todo o meu desejo e me mostra como é ilimitado, é que posso ver completamente a que ponto uma coisa é importante ou não relativamente à totalidade do meu desejo. Por isso, a verdadeira questão para poder permanecer na realidade vencendo constantemente este abismo qual é? O que é que desperta o homem no seu íntimo? Isto é o que Giussani tinha intuído desde o início: só quem é despertado pelo Acontecimento cristão pode dar um contributo real ao mundo. Na história do nosso movimento ficará sempre como advertência o que sucedeu em 1968 no meio da confusão geral – porque a nossa época é bastante confusa, mas a de então deve ter sido muito mais porque desorientou praticamente todos –: o pensamento marxista estava ainda no auge do seu esplendor, era difícil não ir atrás, mas a nossa história não foi arrastada pela confusão porque os nossos amigos mais velhos participavam de uma experiência que os prendia àquilo que despertava o seu coração, e puderam assim julgar que o pensamento dominante não era suficiente, e bradaram ao mundo e à história, como solução do problema humano, algo que parecia abstrato em comparação com a concretude da revolução, que é a comunhão como origem da libertação. Hoje podemos dizer que isto se revelou historicamente mais influente que qualquer outra coisa! Todo o resto não durou! Por isso, nós temos na nossa história acontecimentos, episódios que nos devem ajudar a compreender o que é que verdadeiramente tem incidência na história. Foi naquele momento que Giussani perguntou a alguém na Católica: “o que fazes aí nas barricadas?”. “Eu estou aqui com as forças que mudam a história” (porque isso parecia ser a coisa mais concreta). E ele responde: “As forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem”.

O mesmo sucede agora. Por isso nós, pertencendo cada vez mais Àquele que move o nosso eu, somos levados a julgar de forma a poder dar um contributo aos nossos irmãos homens. Senão também nós seremos arrastados; poderemos continuar a fazer Escola de Comunidade, a realizar algum momento piedoso, a participar em reuniões: mas a nossa mentalidade será como a de todos. Não há presença se não houver uma diferença! Inversamente, quanto mais o coração é despertado mais capazes somos de não ir arrastados na confusão e de julgar o que é decisivo para responder à origem do mal-estar humano (e não apenas às consequências). Por isso, com todo o trabalho da Escola de Comunidade temos pela frente uma boa verificação. Já a partir das três premissas começamos a ver se somos capazes de julgar melhor do que antes porque isso, pessoal, diz-nos qual foi o percurso e o resultado do trabalho destes anos. Se o que fizemos nestes anos não foi capaz de despertar mais o sentido do Mistério, de nos fazer reconhecer toda a nossa desproporção, de nos fazer redescobrir toda a profunda exigência de verdade e de justiça, então somos como todos; se não nos faz usar a razão de uma forma mais conforme à sua natureza, então somos como todos; se não nos faz ser mais morais, ou seja, mais leais com nós mesmos e com aquilo que nos cabe, então somos como todos.

Já fazendo Escola de Comunidade sobre as premissas, podemos efetuar a verificação da fé. Se emergir como isto exalta a minha exigência original e, portanto, exalta a minha capacidade de juízo, exalta a minha razão, exalta a minha lealdade com a realidade (ou seja, a minha moralidade), então nisto poderemos certificar-nos da pertinência da fé às exigências da vida, a tangibilidade da fé: porque gera ainda mais o eu. Realmente, Cristo não veio para nos dar respostas prontas, mas para gerar um eu para podermos vir a ser protagonistas na história! Porque o problema não são todos os pormenores históricos que nós teremos de enfrentar: ele veio para gerar um sujeito tão forte no uso da razão, da liberdade, da afeição e das exigências elementares, que possa fazer frente a qualquer circunstância. E nós podemos ver, logo de início, se este sujeito está a ser gerado em nós ou não. E temos de decidir se queremos ficar aqui comportando-nos como marionetas, ou se queremos ser sujeitos, se queremos levar a sério a verificação da fé.

Quais são os sinais desta verificação? A exaltação do eu, da exigência elementar, da razão, da afeição, da lealdade com o real. Porque até mesmo os outros, quando o veem, não se podem deixar de surpreender. Porque esta, que pareceria a coisa mais elementar e mais normal, é a mais rara, de tal modo o humano se tornou raro! Sem estes sinais nós não teríamos as razões adequadas, no tempo, para permanecer ligados a Cristo; o mero repetir, ainda que sinceramente, as verdades da fé, não nos faz permanecer ligados ao Acontecimento, porque o nosso centro de interesse, na realidade, é deslocado para outro ponto. Aqui a verdadeira questão é se, à medida que a vida passa, nós estamos mais ligados à pessoa de Cristo porque estamos mais interessados n'Ele, caso contrário descrevemos a parábola de todos, que é contentar-nos com qualquer coisa para ficarmos depois desiludidos e no fim nos tornarmos cínicos, até que o Mistério tenha piedade de nós e nos aconteça novamente o que nos aconteceu. E então recomeçará a partida. Porque aquele professor chegou aqui assim, como tantos. Provavelmente ouvira falar de Cristo (é quase impossível não ouvir falar d'Ele quem tenha nascido em Itália), mas não vendo a razoabilidade da fé, não vendo a pertinência da fé, não tendo feito a verificação, não tendo vencido aquele abismo, com o tempo tornou-se cínico, como a maioria dos adultos. Que esperança será para ele mais concreta? A que tantos de nós definiram como abstrata: a apresentação de *O senso religioso*. Ele, porém (que sabe de política, que vê os noticiários todos, que experimentou tudo e mais alguma coisa, que até é cínico) encontrou a solução onde alguns de nós dizem não encontrá-la. Isto ensina-nos alguma coisa? Ou vamos ter de fazer o mesmo percurso até ao cinismo para aprender a usar os instrumentos que Dom Giussani nos dá? Eu contava todos os anos aos meus alunos de liceu o percurso testemunhado por um que tinha aderido a um grupinho de extrema esquerda e descrevia muito bem em três fases o percurso que havia feito: inicialmente tudo era entusiasmo, depois a tristeza porque não bastava aquela experiência do grupinho de esquerda e, por fim, o tédio. Acabou na prisão porque, tendo chegado ao tédio, disse para si mesmo: “Se calhar eu não me empenhei o suficiente, tenho de fazer mais ainda”. E para se empenhar ainda mais entrou na clandestinidade, matou uma pessoa. Foi detido e metido na prisão. Ali encontra-se com todos os seus ex-companheiros e apercebe-se do grau de

desumanidade a que tinha chegado (entre eles até discutiam quem devia comer uma banana). E diz: “Eu continuava a ser um crente na ideologia, mas a realidade era teimosa!”. Daí aprendi a frase que tantas vezes repeti: a realidade é teimosa. E dizia aos jovens: “Olhem, amigos, este tipo, para vir a descobrir que a realidade é teimosa, teve de arruinar a sua vida e a de outros, só para aprender aquilo que vos tenho ensinado desde a primeira aula de religião: o realismo”. É por isso que digo: ou o cárcere ou a educação. Ou tem de acontecer uma coisa tão tremenda como esta para perceber o que Dom Gius nos testemunha, ou então podemos educar-nos. Não é que tenhamos necessariamente de arruinar a nossa vida para aprender estas coisas; podemos aprendê-las sem a arruinar; talvez seja melhor...

Não é por se esquecer ou por não se importar que uma pessoa não chega ao cinismo de todos. Como se alguém dissesse: “Não sabia que era preciso meter gasolina no carro”; lamento muito, mesmo não sabendo, quando o combustível acaba o automóvel fica parado na mesma. “Não me lembrei”; tudo bem, ficaste a pé. A vida urge! Ou nós nos empenhamos totalmente para fazer esta verificação de maneira a vermos se isso exalta a nossa razão, e a nossa exigência elementar, e a nossa moralidade, e então seremos mais capazes de julgar e estaremos menos desorientados – porque temos um juízo mais claro da situação sobre nós, sabemos o que é decisivo e o que é secundário, o que é preciso ver no real e o que nos distrai de julgar –, ou iremos terminar tão mal como todos. E teremos de implorar ao Senhor que tenha piedade e nos permita milagrosamente recomeçar do princípio. O que aconteceu àquele professor, depois de anos de cinismo, é o que nós temos diariamente nas nossas mãos graças ao encontro que fizemos! Esperamos fazer como ele: seguir. “Preciso de me encontrar com vocês e ficar calado a ouvi-los falar”: aquele professor conseguiu chegar onde João e André tinham chegado logo de início. Para muitos, João e André é apenas uma reflexão “espiritual” de Dom Gius. Não: João e André é o método!

Isto, isto é o juízo acerca do mundo. Este é o juízo que penetra no íntimo e vence a desilusão, e vence o medo, e vence a solidão, e vence a confusão, e vence o ceticismo e o cinismo. E por isso é o juízo maximamente capaz de dar resposta a tudo, mesmo à situação política.

Justamente por tudo quanto dissemos, quero acrescentar qualquer coisa sobre a Escola de Comunidade que iniciámos. Quem de vocês não leu *O senso religioso*? Ninguém. Qual é a tentação? Que já o sabemos. Então qual é o passo? Que além de sabê-lo é preciso experimentá-lo. Eu digo-o por mim. Durante muitos anos repeti frases que são verdadeiras: “Eu sou Tu que me fazes”. Mas dizer “Tu” com a consciência de Outro que me faz é uma coisa diferente. Com os mesmos ingredientes podemos fazer duas sopas. Qual é a diferença? Que se ultrapassa este abismo entre o saber, por um lado, e a vida prática, por outro; e começamos a vencer o abismo fazendo experiência. Então a questão não é saber o que é um juízo, mas verificar quando e onde dei por mim a descobrir que julguei. E qual é a verificação de que julguei? Que experimentei uma libertação. O juízo é o início da libertação.

Assim, não basta fazer comentários ao texto, porque senão vou-me zangar! Não temos necessidade de comentadores de Giussani contra o método de Giussani. O método que ele nos apontou é a experiência. Sobre isto temos de ser ferozes porque, se não formos leais com o método de Giussani, quer dizer que não o seguimos, aliás, colocamo-nos contra ele, porque continuamos a proceder conforme o nosso método e não nos deixamos desviar dele. E se não seguimos, depois não nos podemos queixar de que não sucede o que ele disse!

Qual é o ponto da verificação de que um juízo é meu? A libertação. Está claro? E isto é objetivo, não há assim tantas interpretações; eu sei quando me sinto livre, quando experimento em mim a libertação por um juízo, e quando, pelo contrário, ainda estou confuso.

Isto é uma ajuda, não uma imposição, é uma ajuda para não ficarmos de novo escravos do abismo entre a Escola de Comunidade (com todos os comentários) e a vida. Porque é precisamente isso que temos de ultrapassar, porque é o drama no nosso tempo, como o Papa disse tantas vezes: o divórcio entre a fé e a vida. Será inevitável se faltar a verificação, que é ver a pertinência da fé às exigências da vida.